

Fim de século.

Peypin d'Aigues, 21/10: O outono, ao contrário do que muitas vezes se pensa, é a estação européia mais alegremente colorida. Em viagem recente de automóvel, a qual me levou desta aldeia provençal pelas montanhas do Vercors, do Jura, da Floresta Negra e dos Vosges, foi-me dado observar a glória das florestas explodindo em amarelo, roxo, vermelho, e a grandiosidade dos vinhedos coloridos, exuberantes de uvas. Por certo: há no ar a suspeita do frio próximo, e, como diz Nietzsche ao falar na morte de Deus, "tôdo dia está ficando mais frio". Mas isto constitui precisamente um dos encantos da estação: não é tão imperiosamente quente quanto o é o verão, seu irmão mais brutal, e portanto mais facilmente aproveitável pelos consumidores de paisagens. É a estação mais refinada do ano, mais complexa e mais contraditória, e exige empatia por parte de quem quizer captar a essência do outono.

A tradição, por certo, banha o outono em clima de melancolia: os dias grandes do verão já estão perdidos, e a ameaça da rigidez gélida, do rigor da morte, está surgindo no horizonte. Tal clima melancólico é, alias, atualmente o nosso ambiente quotidiano. As estatísticas econômicas que contrastam os dias grandes e passados dos vários milagres econômicos com os algarismos que anunciam o preço do petróleo, o valor do dólar e do ouro, e o desenvolvimento do desemprego, evocam o craque de 29, portanto o inverno. O jornal e o noticiário radiofônico da manhã contrastam o poder decisório recente da Europa Ocidental com o número dos foguetes soviéticos postados em Berlim e Praga, com os conselhos que visitantes chineses, árabes e centro-africanos dispensam generosamente aos dirigentes europeus, e com os aparelhos eletrônicos japoneses e coreanos nos supermercados. As discussões dos intelectuais e demais mandarinos giram em torno dos grandes edifícios mentais do passado recente, (sobretudo do marxismo e do freudismo), e da crise na qual se encontram os alicerces dessas construções grandiosas. O próprio fundamento da Europa moderna, graças ao qual esta península relativamente pequena governava até recentemente o globo, a saber a ciência da natureza, está dando sinais de rupturas em vários lugares. Não resta dúvida: é outono na Europa.

Mas a melancolia tradicional não corresponde, conforme procurei afirmar, à vivência imediata do outono. A vivência é de coloração explosiva, e a melancolia é produto tanto de simplificação primitiva de complexidade refinada, quanto de premonições de um inverno tido por iminente. O atual outono europeu é melancólico, se visto de fora e simplificado por observadores tanto da ex-direita, (declínio do Ocidente), quanto da ex-esquerda, (crise do capitalismo). É melancólico, se visto de dentro pelos que receiam perder o que possuem, pelos rentiers da cultura passada. Mas se vivenciado com olho e mente abertos, o outono europeu atual é inebriante, tanto quanto o vinho em fermentação que está sendo atualmente servido nas adegas em torno dos vinhedos.

Não pretendo, com este canto de louvor ao outono, glorificar o fruto maduro. Não quero associar-me nem a Shakespeare no rei Lear, quando diz "ripeness is all", (a maturidade é tudo), nem a Iugurtha em Roma quando diz "o urbem venalem et mature perituram", (o cidade venal e madura para o perecimento). O que me interesse, no fruto outonal, é o estágio imediatamente posterior à maturidade, o da putrefação incipiente. O que tenho nas narinas e em mente é aquele perfume refinado da decadência prenhe de vida nova, e que seja vida de bactérias, mas que é, em todo caso, fermentação do fruto. Não importa se tal fermentação, que é o que se vivencia atualmente na Europa, seja diagnosticada enquanto estágio final, o que importa é a embriaguez que provoca. Em suma: não é as maçãs maduras do outono europeu que louvo, nem as maçãs podres, é a cidra, o vinho da maçã que fervilha na língua e fertiliza a mente.

A vivência outonal da Europa que procuro transmitir é a mesma que motiva certos historiadores para considerarem o Renascimento como outono da Idade média, e não como primavera da Idade moderna. Com efeito: o sabor da arquitetura, da música, da poesia, da filosofia, de teologia, e sobretudo da moda renascentistas é nitidamente gotico, e nada tem a ver com o clima de modernidade que emana do barroco. E, no entanto, é o Renascimento enquanto decadência do estar-no-mundo medieval que lança os fundamentos da modernidade. Isto se vê nitidamente quando se considera a ciência renascentista: é disciplina inteiramente diferente da ciência da natureza moderna, já que é simultaneamente empírica e mágica, e, no entanto, precisamente por representar decomposição da alquimia e astrologia medieval, possibilita o surgimento de Galileo, Descartes e Bacon. Pois é neste sentido que a situação atual europeia pode ser diagnosticada como renascentista: decadência da modernidade.

A fermentação que caracteriza toda decadência obriga, no entanto, a fazer distinção difícil: a da diferença entre podridão apetitosa e podridão nojenta. Se considerarmos que o queijo é leite podre, o problema é o de distinguir entre Camembert e ovo podre. Isto não é fácil, não apenas porque a distinção depende de gosto, (Hitler considerava a arte do seu tempo como se fosse ovo podre, enquanto nós consideramos que o ovo podre era Hitler); não é fácil também porque os dois estágios da podridão se confundem, (o Camembert pode, a partir de um certo estágio, virar ovo podre por assim dizer dialécticamente). O que implica que todo juízo da situação outonal da Europa dependerá do critério da podridão que o crítico abriga.

Os defensores da força juvenil, os que admiram a pureza e o vigor da simplicidade ingênua das culturas novas, tenderão a igualar toda podridão com doença, e constatarão que a Europa atual evidencia sintomas de decomposição intelectual, moral, e política que provam ser ela "superada". E os que crêm que a criatividade é função do fermento da dúvida e da re

culpa de simplificar problemas, constatarão, pelo contrário, que todos os impulsos para desenvolvimentos científicos, filosóficos, artísticos e políticos continuam a emanar da efervescência europeia. O curioso é que os dois juízos podem ser simultaneamente corretos. Isto porque fermentação criativa pode ser precisamente sintoma da agonia, um debater-se no leito da morte. Pois isto é o que caracteriza o outono: ser ele explosão de coloração que anuncia a brancura do lençol do inverno.

No entanto, não posso negar que minhas simpatias não estão do lado dos defensores do vigor da juventude, com os vários puristas islâmicos, guardas vermelhos chineses, e demais lutadores em prol de uma humanidade sadia e contra a podridão que emana da decadente Europa. Uma das razões da minha desconfiança das atitudes puritanas é que os defensores da juventude não corrompida se revelam geralmente serem anciões corruptos: lembrem-se de Mussolini e sua defesa dos leões contra ovelhas, e em geral dos povos ditos viris e jovens. Quer me parecer que corrupção é quase sinônimo de espírito, e que quem põe o lema da luta contra a corrupção em sua bandeira, (seja ela verde, vermelha ou negra), nega a liberdade. A outra razão pela qual desconfio dos puros e duros é que desconfio de tudo que se diz sadio. Não sei definir "saúde", (nem "salvação", essa irmã gêmea da saúde), mas estou convencido que quem se proclama saudável não é muito sadio, como quem se proclama potente e viril não me parece ser extremamente masculino. De modo que tendo a acreditar que a Europa podre não é menos sadia que as forças poderosas que a estão ameaçando e que se proclamam salvadoras.

Repito: é perfeitamente possível, e talvez seja até provável, que a fermentação vivenciável na Europa atual em todos os campos seja sintoma de agonia, e que sociedades menos complicadas, mas mais famintas, varrerão a Europa da cena. Isto é perfeitamente possível, e é até provável, já que, afinal das contas é razoável crer que o outono seja seguido de inverno. Inclusive estou disposto a admitir que a "razão", (no sentido de justificação, e no sentido de lógica), esteja do lado de tais forças "novas". O que pretendo dizer com o presente artigo são, no entanto, duas coisas: A destruição da Europa não salvará necessariamente a humanidade da podridão, mas poderá simplesmente substituir o Camembert por ovo podre. E o outono é estação gloriosa, sobretudo quando se sabe que será seguido de inverno.

Escolhi como título do presente artigo a sentença "fim de século". É sentença ambígua, já que significa "fim de período", e "fim de mundo". É com tal ambiguidade que o clima outonal é o clima de fin de siècle. O clima do ancien régime, (fim do século 18), e da Belle époque, (fim do século 19). O que pretendo dizer é que o fim do século 20 é caracterizado pela decadência e a podridão da Europa, o que torna a Europa atualmente tão extraordinariamente bela.